



ACIDENTE NO AMAZONAS

'Pior viagem da minha vida'

A despedida da irmã de um dos 14 mortos em desastre de avião

PARA
ACESSAR
APONTE
O CELULAR
PARA
O QR CODE

VIVI PARA CONTAR

'FERIDA REABERTA'

Pai de vítima da Boate Kiss diz que decisão do STJ foi como 'faca no peito'

FLÁVIO SILVA*

brasil@oglobo.com.br

“Dias antes da sessão no STJ (no dia 5, o Superior Tribunal de Justiça manteve a anulação do júri que condenou quatro réus pela tragédia), levei um tombo feio da escada. Fui a Brasília de muletas. Jamais deixaria de ir em um julgamento tão importante. Nossa esperança era que o caminho da justiça fosse retomado, mas fomos pegos de surpresa. Foi como se enfiassem uma faca no nosso peito. E aquela ferida abriu novamente. Voltamos para Santa Maria decepcionados. Mas já caímos algumas vezes e vamos retomar a luta. Só assim vamos conseguir justiça para esse assassinato em massa na Boate Kiss.

No Brasil, há muitos falhos empresários da noite que querem montar uma danceteria e que, num passe de mágica, conseguem a documentação. O poder econômico acaba mais valorizado do que a vida. Claro que a punição não vai trazer minha filha de volta. Mas o que tentamos é evitar que outras pessoas passem por essa dor desesperadora, que dura até hoje. Nosso ganho é assegurar à juventude que ela pode, sim, entrar numa discoteca para se divertir sabendo que o ente público garante a segurança dela.

Os jovens têm direito à vida, a sair, se divertir. Infelizmente, não foi o que aconteceu com a minha filha Andrielle. Naquela noite, ela foi comemorar o aniversário na boate. Estava fazendo 22 anos. E ela e as amigas pagaram o ingresso mais caro que existe no mundo, que é a vida. Penso sempre nos donos da boate quando alguém fala que eles não têm mais vida social, que sofrem, choram. São de família com dinheiro, podem se reconstruir, construir outra casa. Mas a vida da minha filha não tem como. Eu faria tudo, daria a minha



FOTOS DE ARQUIVO PESSOAL

“Vamos até o fim”. Mestre de obras Flávio Silva, de 62 anos, no STJ

Dez anos de dor. Andrielle foi festejar os 22 anos na Kiss: novo julgamento da tragédia, com 242 mortes, será marcado



vida para minha esposa e minha outra filha (hoje com 27 anos) a terem de volta. Mas isso não é possível.

Tem gente que diz que a condenação deles (dos empresários e sócios da discoteca, Elissandro Spohr e Mauro

Hoffmann, o músico Marcelo de Jesus dos Santos e o produtor musical Luciano Bonilha Leão, em julgamento de 2021) foi vingança, não foi justiça. Se eu quisesse vingança, não ia perder dez anos da minha vida aguardando o jul-

gamento. Temos esperança na reversão desse resultado e que esse júri tenha sua validade determinada pelo STF. Não temos mais condições físicas nem psicológicas de esperar tanto tempo.

ÚLTIMA LEMBRANÇA

Na minha casa só não falamos sobre a minha filha nas horas em que conseguimos dormir. Muitas pessoas dizem: ‘Vocês têm que esquecer’. Que mãe que perdeu um filho quer esquecer?

Minha filha fez aniversário no dia 24 (de janeiro). No verão, costumávamos improvisar um churrasco no gramado, com aquelas churrasqueiras de tijolo. É a lembrança da minha última noite com ela. Era uma quinta-feira. Compramos galletos, eu temperei, minha filha

cortou a grama, montou a churrasqueira. Foi a última vez que conversei com ela. Eu estava terminando uma obra, trabalhei sexta até tarde da noite, e ela já tinha ido para o aniversário de uma amiga em outra boate. No sábado, também trabalhei até de noite, e quando cheguei ela tinha saído. Para a Kiss.

Lembro quando tocou o telefone, 5h de domingo. Era uma menina. ‘Tio Flávio, houve um princípio de incêndio na Kiss, tô tentando achar as gurias e não consigo. Sei que elas estão bem, mas nenhuma atende’. Falei: ‘Tô indo para aí. E naquilo minha filha mais nova ligou o computador e já tinha mais de 30 vítimas. Eu botava roupa, tirava roupa. Estávamos bem desorientados.

Não conseguimos chegar perto da Kiss. Encontrei um

rapaz da Polícia Federal, eu fazia muito serviço para o pai dele. Ele perguntou o que eu fazia ali. Disse que minha filha estava na boate e que não conseguíamos localizá-la. Ele me chamou e entramos no pavilhão. Andamos entre as vítimas. Uma menina tinha um furo no rosto, não sei se era pisada de algum salto. Só pedi a Deus: ‘Por favor, Senhor, não deixa eu passar pela minha filha sem reconhecê-la’. Eu sabia que, quando achassem uma das amigas dela, achariam as outras. Até que veio o nome de uma.

Entre para fazer o reconhecimento. Sabe, no verão, minha filha não gostava de secar o cabelo com secador. Então ela enrolava o cabelo comprido na toalha. Quando coloquei o olho nela, parecia que estava a vendendo deitada com aquele toalhão na cama e o cabelo molhado. Aquela cena nunca mais vai sair da minha cabeça. Eu só queria tirá-la dali.

A ganância e a irresponsabilidade dos empresários tiraram a vida dos nossos filhos. E o Poder Judiciário tirou dez anos da nossa vida, com questões processuais, atrasos, tantos recursos. Tivemos que aprender ‘juridiquês’ na marra. Enquanto sociedade, temos o direito de discordar, lutar. Já me perguntaram se não tenho medo. Mas, depois que tiraram a vida da minha filha, não tenho medo de mais nada. O único que pode fazer que minha caminhada seja interrompida antes da hora é Deus.

Estamos morrendo dia a dia nesses últimos dez anos. Há um mês, morreu o décimo pai de vítima da tragédia. Era pai de uma amiga da minha filha. Taxista, estava ajudando uma cliente a tirar as compras do carrinho e colocar no táxi e simplesmente caiu morto, aos pés dela. Isso nos abala terrivelmente. E nos perguntamos quem será o próximo de nós. Quem não vai estar vivo para ver o desfecho dessa luta na Justiça?

Nas vésperas da realização do júri, tive problemas no coração, que deu sinais que não estava acompanhando o ritmo. Tive que fazer tratamento. Minha esposa e minha filha se preocupam. Mas isso também não pode nos assombrar. Quem sabe a hora da batalha final é Deus. E espero que ele tenha compaixão de nós e nos deixe realizar essa missão, que é árdua e injusta. Vamos até o fim’.

*Em depoimento à repórter Elisa Martins

ANTÔNIO GOIS



antonio.gois@educa.org.br



Décadas de atraso

Em 15 anos, o Brasil conseguiu mais que dobrar o percentual de adultos de 25 a 34 anos com superior completo. Saímos de 10% em 1997 para 23,2% em 2022. Não deixa de ser um salto significativo, mas, quando comparado com outros países, o cenário é preocupante. A análise da série histórica do relatório Education at a Glance, cuja edi-

ção de 2023 foi divulgada pela OCDE na semana passada, comprova isso.

Os 23,2% conquistados pelo Brasil em 2022 representam um atraso de mais de duas décadas em relação ao conjunto da OCDE (organização formada majoritariamente por países ricos). Em 1998, na média dessas nações mais desenvolvidas, o percentual já era de 23,6%. Acontece que, como era de se esperar, eles também avançaram, chegando a 47,4% no ano passado. Ou seja, ao final do século 20, a média da OCDE era mais que o dobro da registrada no Brasil. Em 2022, com números diferentes, a constatação é a mesma.

O principal gargalo para expansão da população com diploma universitário não é falta de vagas. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2021, a taxa de ocupação de novas vagas ofertadas é de 70% na rede pública e de apenas 18% na rede privada. É importante aqui a ressalva de que, especialmente nas particulares, esse percentual baixíssimo de preenchimento não significa que quatro em cada cinco cadeiras fi-

quem vazias, gerando prejuízos. O mais correto é concluir que o setor está autorizado pelo poder público a atender a um número muito maior de alunos em relação à demanda real, quadro que é ainda mais acentuado na modalidade a distância.

O fato é que o Brasil ainda colhe os prejuízos do descalço histórico com a educação básica, pois, apesar de avanços nas matrículas, segue insuficiente o número de alunos que concluem o ensino médio com condições de ingresso no superior. Entre 1985 e 2022, saltamos de 15% para 77% no índice de jovens de 15 a 17 anos matriculados no médio, feito que não deve ser menosprezado. Mesmo assim, são 23% os que estão atrasados ou evadidos, e poucos terminam com aprendizagem adequada.

Para reduzir a distância que nos separa

das nações desenvolvidas, portanto, é fundamental avançar para que todos consigam completar o médio, com mais qualidade. Como é irrealista prever no curto prazo que todos chegarão à universidade — nenhum país do mundo tem 100% de matriculados nesta etapa —, é importante expandir ao mesmo tempo a educação profissional, modalidade em que o atraso do Brasil é também destacado na publicação da OCDE.

Neste caso, a escolha pela trajetória profissionalizante não precisa, como no passado, ser encarada como um caminho sem volta longe da universidade. É possível conciliar o técnico sem prejuízo da formação acadêmica, o que pode facilitar, em algum momento da trajetória profissional, o ingresso numa graduação. Aliás, na rede pública, estudos mostram que alunos que cursam o profissionalizante de nível médio chegam a ter, em média, desempenho melhor do que os demais no Enem ou no Saeb. O desafio, como sempre, é replicar isso em larga escala.